



O trabalho do assistente é fundamental não só para atender os pacientes esquecidos, mas também os de famílias carentes.

Serviço Social presta o único apoio

Pacientes alcoólatras, viçados em drogas, doentes crônicos. Poucos são fortes ou caridosos o suficiente para suportar conviver com essas pessoas. Justamente o tipo de pessoa que é foco do trabalho das assistentes sociais dos hospitais da rede pública de saúde do Distrito Federal.

Chefe do Serviço Social do Hospital de Base, Anunciação Soares Castro Alves conta que, infelizmente, o ciclo é constante. "Somos um hospital social que recebe muita gente de rua", explica. Mais: são as assistentes que têm de

dar um jeito na situação.

São elas que buscam reconstituir a história dos pacientes. Como chegaram ao hospital? De onde vieram? Onde moram? Com jeitinho, tentam convencer a família – quando a encontram – a aceitar o paciente de volta. Muitas vezes, quando acham a família, ela não quer saber do doente. Como no caso de Saionara. Sensibilizado com a situação, o Serviço Social do hospital tenta encontrar uma instituição que a abrigue.

A mesma rotina – casos de pacientes abandonados pela

família – é vivida pelas assistentes sociais do Hospital Regional de Ceilândia. "São casos crônicos de pacientes acomodados, sem vida independente", conta a assistente social Maria Silvana de Moura, 40.

O que acontece, também, é que, em alguns casos, a família não tem condições de cuidar do paciente. São carentes, sem o mínimo de higiene e alimentação indispensáveis para a cura plena do doente. E, por isso, abrem mão. "Muitos dão trabalho e as famílias não querem cuidar deles, como os alcoólatras", diz Silvana.